

Ankoullel, o menino Fula, contra a inércia e os estereótipos, em planos e práticas educacionais sobre História e Cultura Afro-Brasileira

Amauri Mendes Pereira (*)

*“Ultimado o triunfo, incorporaram-se os ex-escravos à população,
em perfeito pé de igualdade.
A eles e a seus descendentes desvendaram-se os vastos horizontes
abertos a todos os habitantes do Brasil.
Muitos permaneceram nas antigas fazendas,
continuando a trabalhar, sem ressentimentos recíprocos,
ao lado de seus ex-donos”.*
Por que me ufano do meu país, do Conde Afonso Celso (1900).

Instigando

Mas como? Que tipo de leitura é essa? Não é história e cultura afro-brasileira? Não é para cumprir a Lei 10.639/03? Então, como não há nada sobre religiões, danças, cantos, folguedos, artesanatos, vestimentas, capoeira, samba, comidas “típicas”? Não fala de escravidão, de pelourinhos, castigos, correntes, dores... Nem revoltas, fugas, quilombos... Não valoriza o molejo, a força, a garra do negro?

Estas são visões comuns sobre o que se espera ao se ler ou ouvir falar de história e cultura afro-brasileira, não é mesmo? É. História e Cultura Afro-Brasileira é tudo isso. E muito mais. Lugares comuns e estereótipos (hiperdimensionamento de certos aspectos, em detrimento de visões mais abrangentes e profundas) é que são “do mal”.

Sobre a inércia

Ainda se encontram educadores que alegam falta de material didático e de formação para não implementarem o artigo 26-A da LDB e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais. É possível, ainda, sustentar esse argumento?

(*) Doutor em Ciências Sociais (PPCIS-UERJ), mestre em Educação (PPGEdu-UERJ), especialista em História da África (CEAA-UCAM) e professor adjunto no DTPE-IE-UFRRJ. Foi diretor da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN).

Difícilmente. Hoje em dia “quem procura acha!”: além de portais de busca e multiplicidade de caminhos virtuais, há publicações de órgãos oficiais, geralmente capitaneadas por militantes antirracistas; ou iniciativas isoladas de educadores e de alguns intelectuais; material produzido por organizações, nem sempre do Movimento Negro, mas também de outros segmentos de movimentos sociais, falando de História e Cultura Afro-Brasileira; e mais comercialmente novos livros e outros materiais didáticos e de divulgação.

Em geral esse tipo de material virtual ou impresso, valoriza uma idéia genérica de cultura negra, e/ou questiona mesmices de referenciais teóricos, históricos, simbólicos, estéticos, postulando outros olhares, outras interpretações sobre trajetórias e conquistas da população negra, sobre a sua importância no desenvolvimento da nação, da sociedade e da identidade nacional brasileira. Mas é preciso procurar. A inércia costuma estar mais à mão.

Olhando mais de perto há uma inércia fruto da ignorância e má vontade: “por que contar histórias de negros? Há histórias de brancos? Não é tudo uma história só, a do Brasil, a do mundo, que aprendemos?”. Há quem realmente entenda dessa forma: a história é o que os livros contam. Uma seqüência confortável de conhecimentos acumulados desde que o mundo é mundo. Se às vezes se descobre uma coisa nova, ainda desconhecida, tudo bem, é só acrescentar... É comum se esquecerem do caráter contingente do conhecimento, ou seja, que ele está relacionado a outras coisas: o que é tido como *saber* é sempre decorrente de valores, de significações, de condições e critérios de interpretação, em cada época, dependendo do contexto ao qual se dirige aquela interpretação, a posição na hierarquia social e política do analista, de suas intenções, das fontes que escolheu ou resolveu acolher, priorizar. É essencial, no entanto, alertar que qualquer *saber* é sempre **um** saber – quanto mais se arrogar definitivo, completo, mais insensato; e que toda construção de conhecimento é caminho, busca perene...

Há, porém, quem “não queira nem saber!” Indiferente ao caráter deletério do conhecimento auto-referenciado que se presume universal, que transborda em arrogâncias e visões restritivas e na hierarquização de saberes, a inércia é, muitas vezes, deliberada.

As razões variam. Para alguns, uma inércia preguiçosa: é muito complicado ter de ficar buscando novidades – novos conceitos, interpretações, referenciais... Já pensou se descubro que tantas coisas que eu falava não eram bem “aquilo”? E que até já reprovei aluno/a que não sabia “aquilo” tão fácil(!!!)? Planos de aula, seqüências de conteúdos, formas de avaliação, tudo precisaria ser revisto/refeito... Quanto trabalho!

Para outros a inércia, o não querer nem saber, decorre de questão eminentemente política: uma posição de poder (no ensino básico, no partido, no sindicato, na carreira acadêmica) pode ser posta em cheque, se novas investigações conquistam espaço e importância; se novas teorizações e metodologias ou abordagens inovadoras – como as que preconizam a relevância da questão racial – se mostram mais adequadas, e agregam mais consistência às macro interpretações de Brasil, da formação e desenvolvimento da sociedade, aos “sentidos” de nação, de democracia, de justiça social em nosso país.

Sobre transcendência

Coisa boa, porém, é saber que se há marasmo, há também vida, alegrias, esforços e resultados criativos. Que abismo entre estes-as que procuram e encontram, e se remexem, e passam a curtir – apesar de mais trabalho – as novidades, o aprender de novo; e aqueles-as que se escudam nos “saberes universalmente consolidados!!!”

Entre extremos de interesse/desinteresse há de tudo:

- a) A repetição constrangida/acanhada/inibida das velhas fórmulas de saber racalista que se pretende “universalista”.
- b) A reafirmação desabusada de “tudo” – a mitificação, romantização, folclorização do negro (tantas vezes bem intencionadas, quanto equivocadas), como se houvesse *esse* negro “etérico” e não gente em luta, na vida social complexa e diversificada, em variados contextos étnicos e culturais, políticos, regionais, locais, geracionais, etc.
- c) Mas também, ao contrário, há interrogações pulsantes que rejeitam racialismos: “lugares do negro”, “valores essencialistas e estereotipados *sobre* o negro”; e plasmam aquela matéria que é preciso criar para enxergar uma sociedade, na qual critérios raciais não sirvam mais para definir espaços sociais, de valores, etc.

Que fazer se todo escrito e pensamento arde na complexidade do mundo? Resta re-começar.

Afinal... O começo

A leitura de *Ankouell, o menino Fula*, pode ser algo surpreendente para brasileiros-as comuns, ou seja, desavisados-as sobre questões africanas. Ou visto por outro prisma, inteiramente avisados-as sobre primitivismo, ignorância, fomes e misérias, guerras “tribais”, que constituem, entre nós, imagens corriqueiras-estereotipadas daquele antigo continente.

Começa pela prosa fácil de Hampatê Ba e a simplicidade descritiva da vida, de pensamentos, sentimentos de homens mulheres e crianças e seus jeitos de se relacionarem com as crenças e tradições comunitárias. Flui levemente sua narrativa: os personagens, as relações familiares e como essas histórias compartilham um vasto universo cultural, no qual se percebe a diversidade dos grupos sociais e a complexidade das relações no noroeste africano nas décadas iniciais do século XX.

Surpreendente, porque fica muito difícil “encaixar” as imagens e referências utilizadas pelo autor nas noções que habitualmente povoam o imaginário dos brasileiros sobre o continente africano.

O autor vai desfiando histórias e deixa entrever valores muito consolidados, papéis e hierarquias entre famílias e linhagens, com uma ética amplamente compartilhada que atravessa suas vidas e todos os níveis de relações sociais... Isso não tem nada a ver com o primitivismo (o que quer que isso represente!) dos tambores, dos “gibis” do *Fantasma Voador* e do *Tarzan*, da ignorância atávica, que moldam as imagens de povos do velho continente. Nas páginas finais do livro há fotos que também podem chocar: construções, fortificações, arruamentos e urbanizações características, nada do que é usual *saber* ou imaginar de uma faixa ampla de território africano, seja na antiguidade, ou no início do século XX.

Um primor a produção do livro

As introduções permitem ao leitor não familiarizado uma noção do ponto de partida do autor, assim como os mapas ajudam na localização do território. Os capítulos sempre curtos vão falando, de maneiras simples, das questões do cotidiano e das coisas que envolviam a vida comunitária relacionadas às tradições, às crenças, às expectativas.

Até a pg. 171 (o livro tem quase 350, fora as fotos), a ocupação colonial é um pano de fundo. No período descrito por Hampatê Ba, o início do século XX, estão sendo travadas grandes batalhas da expansão colonial na região. As vitórias francesas levaram ao exílio, prisão, tortura, e finalmente, ao perdão do novo pai de Ankouell – um *Naaba* (rei). As referências a isso tudo estão presentes, mas não prejudicam a centralidade da narrativa sobre a vida dos povos daquela região. Afinal são as vivências de uma criança e ela, certamente, estava atenta às *suas* coisas.

O autor mostra como há continuidades na dinâmica das vidas, nas tradições, nas crenças, nas hierarquias daqueles povos, desde sempre e mesmo sob o tacho colonial. Em sua narrativa, jamais a presença européia foi suficiente para quebrar aquelas significações, ainda que, claro, ganhem novos contornos e sentidos, novos elementos, e se obrigue a dialogar com as novas idéias e formas de relação

– o invasor mais poderoso, os “colaboracionistas” do seu próprio povo ou de sua região, os novos conflitos que isso potencializa, alterações gerais em “lugares sociais” e perspectivas...

Na vida e nos processos sociais que são lembrados e (discretamente!) analisados por Ankoullé, também os sentidos e oportunidades do colonialismo não aparecem da mesma forma para todos os grupos sociais, ou para os diversos segmentos desses grupos: as diferentes linhagens, famílias, religiosidades. E é possível observar, face à hegemonia do europeu sobre todos, como ocorrem os ajustes e desajustes entre esses diferentes segmentos, e no emaranhado de relações de parentesco e de interesses, entre “africanos” (oh, generalização inconsistente!!!) Essas são questões que vão se desenhando cuidadosamente no texto lírico de Hampatê Ba.

Sublime, quando o menino desmistifica o europeu e põe-se a “*examinar o branco-branco*”¹ em detalhe. Muitas coisas transparecem na narrativa desse seu primeiro contato com um “branco-branco” – o Comandante De Courcelles. Fica-se imaginando cenas de muitos filmes que dramatizam esses encontros: em geral a subalternidade negra apresentada como normal/natural – as roupas, o plano de filmagem, as trocas de olhares, de palavras, o gestual; tudo predispõe à naturalização de relações desiguais. No olhar do menino Ankoullé, sete anos de idade, há outra dramaticidade e há uma estética própria. O medo o faz fugir em dado momento, temeroso do feitiço que, em sua imaginação, lhe lança a pompa e poder daquele homem... Mas a preocupação com seu irmãozinho menor que ficara no colo do “branco-branco” o trás de volta. Na seqüência recupera sua postura ativa enfrentando o olhar e as palavras incisivas, habilmente amigáveis do comandante.

O contraste de tal postura de uma criança africana perante o colonizador pode chocar almas envoltas em racializações empedernidas – às vezes involuntárias e até mesmo inconscientes. Cena difícil de “digerir” para idéias formadas a respeito de África e dos africanos a partir de estereótipos Hollywoodianos, de revistas em quadrinhos e vasta literatura etnocêntrica.

No livro é fácil de entender e situá-la, pois a cena é antecedida por histórias de famílias, de momentos marcantes que fundaram reinos e poder; por referências às guerras, batalhas, heroísmos e covardias, momentos de fausto e de decadência; aos nomes de cidades e regiões, à importância especial, histórica-estratégica de certos territórios, grandes e pequenas conquistas e alianças, contratos, acordos: tudo que faz parte das heranças daquela criança. Em suas incipientes apreensões do mundo

¹ “Branco-branco, em oposição ao negro-africano “branqueado/civilizado”, assimilado, no caso “afrancesado”, que toma ares de branco em postura, na linguagem, na forma de lidar com “outros” africanos.

são coisas simples: a nobreza de sua linhagem, a importância de seu comportamento ativo, a necessidade de coragem, de seriedade e cautela com o desconhecido.

Entre neófitos – gente que começou agora – nessas leituras é comum o choque inicial com uma África (na verdade a região noroeste) onde aqueles estereótipos tão comuns soam absurdos perante a simplicidade das descrições e análises de Hampatê Bá, recheadas de ricos exemplos e de imagens da normalidade de vidas e organizações sociais estruturadas, com valores e dinâmicas próprias.

Depois do impacto pode-se interagir melhor com a sutil narrativa do autor. De Courcelles, o comandante francês (que conhecia histórias das famílias, dos conflitos e tradições daquela região) diz ao menino e à sua mãe, que se identifica com Thidjiani, o pai de Ankoullé, naquele momento submetido e aprisionado... Eram ambos de linhagens reais: o comandante descendia de uma família, cujos chefes foram submetidos, expropriados e aprisionados numa revolução, cerca de 100 anos antes, em seu país!² Ele sabia, portanto, da honra de guerrear, dos dramas de perder, e das possibilidades da glória para quem dá a volta por cima!

O contexto social de sua família e outras próximas que Hampatê Bá (o menino Ankoullé) descreve, é do cotidiano da formação e da profissão da fé islâmica. Ele faz ligeira referência à existência de grupos e famílias “animistas”, e fica claro que a convivência nem sempre era harmoniosa. Por aí passa rápido, falando do povo *Soma*, em povos e grupos sociais “rebeldes”, que não se “ajeitavam” ao colonialismo, eram preteridos, até isolados pelo colonizador.

A memória do autor é seletiva: rejeitaria ele o chamado *animismo*? Vale a dúvida porque simplismo não faz parte da narrativa de Hampatê Bá, e não contamina sua leitura. Em diversas passagens percebe-se a complexidade das relações entre povos islamizados e *animistas*, que seguem se referenciando em seus deuses e tradições religiosas, e como às vezes ocorrem “misturas”. Para o memorialista isso não parece resolvido: permanecem interrogações. “Sacodem” (incomodam) adeptos de manifestações culturais e religiosas de matrizes africanas? E católicos e protestantes “tradicionais”? E neopentecostais, e outros mais agressivos, demais aferrados a re-re-leituras do cristianismo? Instigante tal narrativa, hoje, no Brasil!

E sobre as implicações de seu comprometimento com o Estado colonial?

O autor estudou na França, onde também cumpriu diversos papéis. Por sinal, narra a crueza e o denodo necessários a cada etapa de sua trajetória até chegar lá: desde a decisão de aprender francês e

² Referência à Revolução Francesa

estudar em escola colonial longe da família, às agruras físicas, emocionais, espirituais, morais, superadas nas longas distâncias que precisava vencer nas férias, para voltar à sua região de origem... Os inimigos, as guerras, a ausência de alimento; dificuldades na socialização com professores, com colegas de outras famílias, linhagens, etnias; com os currículos, com experiências estonteantes, com os horizontes que iam se ampliando, com angustiantes escolhas que precisavam ser reafirmadas.

Hampatê Bá trabalhou em diversas regiões africanas, sob direção de governos (e do exército) coloniais, em sua juventude e mais adiante. Houve quem o visse como um colaboracionista, mais um *evolúé* (os que renegam seus povos e culturas e se moldam às novas possibilidades materiais e culturais que se abrem)... Será? Não foram suas escolhas abertas às relações, à aprendizagem, às trocas, que hibridizaram em sua alma o escritor refinado e a valorização das histórias de seu povo?

O que quer que tenha sido, é “tudo isso” que propicia o acesso, hoje, àquele mundo “africano”... Ou, pelo menos um vislumbre dele, através da narrativa de um personagem, descolado de estereótipos, de vícios e distorções colonialistas.

Está presente, também, a questão das hierarquias sociais

Os parentes pobres ou “os pobres”. Assim como a noção de disciplina e de aguda pertinência aos valores que encarnam os ritos de passagem, os percalços das iniciações e a importância de se conquistar e partilhar vantagens, responsabilidades e saberes de novas classes de idade e novos ambientes.

O autor é lírico e didático, porque tudo acontece ao olhar de uma criança. Esta não vê “o que acontece”, ela vê quem e além: as fugas, os sentidos ocultos das “provações” para cada grupo e para cada um, os medos e jeitos próprios que vão sendo encontrados: as satisfações ou frustrações (e punições, premiações, negociações) em resultados parciais ou finais.

Tudo corresponde a noções práticas de organização e reprodução de valores na vida social – como as *Waldé* (associações por classe de idade e gênero) das crianças, dos adolescentes, das meninas, de mulheres, de homens, e o seu papel no funcionamento e no desenvolvimento das redes de sociabilidade, de aprendizagem, nas quais se tece a reprodução, mas também condições de ruptura com “tudo que existe”.

Um desafio à implementação da lei 10.639/03 é apreender África em sua inteireza

Um desafio à implementação da lei 10.639/03 é apreender África em sua inteireza, amplitude, diversidade, complexidade – seus povos, visões da antiguidade, de processos coloniais e pós-coloniais (aspectos mais significativos, forças, debilidades, ganhos, perdas...), desafios presentes e perspectivas.

Há o cisma do espelho: modernizando África e assumindo a questão racial – e é importante se preparar (e estar abertos) para o impacto e resignificações – se enxerga melhor o que vem sendo construído em corpos e almas afro-euro-ameríndias e outros descendentes. Tornando, assim, insustentáveis: omissões, simplismos, anacronismos, e tantos desvios de conteúdos, jeitos e trejeitos pedagógicos, em currículos, e em presunçosas “ciências da educação”.

Por efeito de muitas lutas, toda sofisticação de idéias em torno do racismo e desigualdades raciais, assim como outras formas de exploração, discriminação e opressão tendem a “perder”! Ideologicamente injustificáveis, aumentam mais e mais o custo social e político daquelas práticas.

Enfim, a leitura de Ankoulell, o menino Fula, ajuda a desmistificar visões de África congeladas no tempo mítico: as eternas cabanas e vestimentas toscas e, os corpos pintados e cantos e danças estereotipadas, perenes – como se fosse só e sempre “assim”!

Imagens coladas a outras geradas por colonialismos, guerras anticoloniais, situações neocoloniais, que nutrem impropriedades, anacronismos, incongruências em relação àquele continente e seus povos.

Imagens romantizadas, idílicas de naturezas selvagens, mas também de misérias, fome, seca, AIDS, Ebola. Imagens descontextualizadas que podem errar em direções opostas: as enaltecidas “boas e belas” glamourizam, emocionam, e dificultam a atualização crítica; as “ruins, feias, tristes” afligem até mesmo intenções solidárias, que deslizam para a vitimização, a piedade e outros sentimentos enviesados e equivocados – Isso tudo já no século XXI. E Hampatê Ba narra processos do início do século XX!

Em breve – ah, os milagres da Lei 10.639/03! – Ankoulells afro-brasileiros contarão suas histórias. Todos vão compreender... *E o mundo vai amanhecer em paz.*³

Referências

BENTO, Maria Aparecida Silva e Carone, Iray (orgs). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.

³ Lembrando *Valsinha*, de Chico Buarque de Holanda.

- BORGES PEREIRA, João Batista. “A criança negra: identidade étnica e socialização”. In: ROSEMBERG, Fúlvia; PAHIM PINTO, Regina (orgs.), *Raça negra e educação*. São Paulo: Cadernos de Pesquisa n° 63, Fundação Carlos Chagas, 1987.
- CADERNOS DE EDUCAÇÃO DO ILÊ AYÊ, vol. I. *Organizações de resistência negra*. Salvador, 1995.
- CARVALHO, José Jorge de. “O olhar etnográfico e a voz subalterna”. In: *Horizontes Antropológicos*: Rio de Janeiro, PPGAS-IFCH-UFRGS, ano 7, n° 15, 2001.
- CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar*. São Paulo: Contexto, 2000.
- FIGUEIRA, Vera M. “O preconceito racial na escola”. Rio de Janeiro: *Estudos Afro-Asiáticos*, n° 18, 1990
- GOMES, Nilma Lino. “Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos”. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, jan/abr. 2012, p. 98-109.
- HAMPÂTÉ BA, Amadou. *Ankoullé, o menino Fula*. São Paulo: Casa das Áfricas/Palas Athena, 2003.
- LARKIN NASCIMENTO, Elisa. *A África na escola brasileira*. Rio de Janeiro: SEAFRO, 1993.
- OLIVEIRA, Eduardo D. *Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente*. Fortaleza: IBECA, 2003.
- OLIVEIRA, Luíz Fernandes de. “Educação Antirracista: tensões e desafios para o ensino de sociologia”. In: *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 39, n. 1, jan./mar. 2014, p. 81-98. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>.
- OLIVEIRA, Iolanda de. “A prática pedagógica de especialistas em Relações Raciais e Educação”. In: *Relações Raciais e Educação: novos desafios*, Iolanda de Oliveira (org). Rio de Janeiro: DP&A/PPcor-LPP-UERJ, 2003.
- PEREIRA, Amauri Mendes. “Guerrilhas na Educação: a ação pedagógica do Movimento Negro na escola pública”. In: *Revista Educação em Debate*: Ceará, Faculdade de Educação da UFC. Ano 25, v. 2, n° 46, 2003.
- _____. “O ensino de História da África e a questão racial no Brasil”. In: *Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana*, ALMEIDA SILVA, Denise; EVARISTO, Conceição (orgs). Frederico Westphalen-RS: URI, 2011. Disponível em <https://www.academia.edu/3025036/O_ensino_de_Historia_da_Africa_e_a_questao_racial_no_Brasil>.
- _____. “Quem não pode atalhar, Arrodeia!: reflexões sobre o desafio da práxis dos agentes da lei 10.639/03”. Apresentação na 30ª Reunião da ANPED, Caxambu-MG, em 2007. In: *Presente! Revista de Educação*: Salvador, CEAP-Centro de Assessoria Pedagógica, ano 16, n° 4 (63), dez. 2008.
- _____. *Por que estudar a história da África?* Rio de Janeiro: CEAP, 2005.
- _____. SILVA, Joselina da. “Três faces do desafio acadêmico à implementação da Lei 10.639/03: a face filosófica, a face teórica, a face epistemológica”. In: *Educação, Arte e Literatura Africana de Língua Portuguesa*, RESENDE GONÇALVES (org). Rio de Janeiro: Sempre Negro/NEAB-UERJ/Quartet, 2007.

SILVA, Petronilha Beatriz. “Africanidades Brasileiras: Esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos”. *Revista do Professor*: Porto Alegre, 19 (73), jan/mar. 2003, p. 26-30.

TRINDADE, Azoilda L.; SANTOS, Rafael dos (orgs). *Multiculturalismo: mil e uma faces da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

Resumo: A leitura do livro *Ankoulell, o menino Fula*, pode ser surpreendente para brasileiros/as comuns, ou seja, desavisados/as sobre questões africanas. Ou, visto por outro prisma, inteiramente avisados/as sobre primitivismo, ignorância, fomes e misérias, guerras “tribais”, que constituem, entre nós, imagens corriqueiras e estereotipadas daquele antigo continente. O texto questiona, então, omissões, simplismos, anacronismos e tantos desvios de conteúdos, jeitos e trejeitos pedagógicos, em currículos e em presunçosas “ciências da educação”. São comuns as desatenções epistemológicas em narrativas repletas de lacunas e distorções sobre a formação e desenvolvimento da sociedade brasileira, que desconsideram a questão etnicorracial e estereotipam “o negro”. Vale, então, problematizar agências e contextos educacionais descuidados de necessárias contextualizações e ressignificações da nossa vida social.

Palavras-chave: Ankoulell, o menino Fula; História da África; História e Cultura Afro-Brasileira; Racismo.

Resumen: La lectura del libro *Ankoulell, el niño Fula*, puede ser sorprendente para el brasileño común, es decir, aquellos que no conozcan los temas africanos. O, desde otro punto de vista, del todo les advirtió sobre el primitivismo, la ignorancia, el hambre y la miseria, las guerras "tribales", que están entre nosotros imágenes cotidianas y estereotipadas de ese antiguo continente. Las preguntas de texto y, a continuación, omisiones, simplistas, anacronismos, y tantos cambios de contenido y las formas modales pedagógicas en los planes de estudio, y "ciencias de la educación" presuntuosos. Son descuidos epistemológicos comunes en las narrativas llenas de lagunas y distorsiones sobre la formación y el desarrollo de la sociedad brasileña, que caso omiso de la pregunta y el estereotipo etnicorracial "negro". Luego discutir las agencias y contextos educativos necesaria contextualización descuidado y ressignificaciones de nuestra vida social.

Palabras clave: Ankoulell, el niño Fula; Historia de África; Historia y Cultura Afro-Brasileña; Racismo.

Recebido em: 13/12/2016.

Aceito em: 24/04/2017.